

CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DA DOMINAÇÃO CARISMÁTICA DE MARIA BACELAR

Jucélia Bispo dos Santos*

RESUMO: Essa produção tem como objetivo expor uma descrição etnográfica, a qual está vinculada a minha experiência de estudante na escola Estadual de Primeiro Grau Maria Bacelar da Silva. Essa escola está localizada no município de Iará, Bahia. Maria Bacelar da Silva é uma religiosa que reside na Fazenda Trindade em Iará, cidade baiana que possui extensão territorial de 279Km², 25.000 habitantes, afastada a 128 km de Salvador. O município de Iará situa-se no interior da Bahia, na região de Feira de Santana. Essa região é conhecida como a “porta do Sertão da Bahia”. Assim, pretende-se expor análises do cotidiano religioso e das relações de poder que estão imbricadas na vida de Maria Bacelar da Silva, uma religiosa da tradição afro-brasileira que reside em Iará (Bahia). A partir da trajetória biografia dessa senhora pode-se analisar as variações do poder carismático na formação de relações sociais que se estabelecem entre a tradição da religião a o poder político administrativo.

PALAVRAS-CHAVES: tradição, religiosidade, política, dominação, carisma.

PATHS OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIOSITY IN CONSTRUCTION OF MARIA BACELAR CHARISMATIC DOMINATION

ABSTRACT: This production aims to expose an ethnographic description, which is linked to my student experience in first-grade State school Maria Bacelar da Silva. This school is located in the municipality of Iará, Bahia. Maria Bacelar da Silva is a religion that resides on the farm Trinity in Iará, Bahia city that has territorial extension of 279Km square meters, 25,000 inhabitants, ruled 128 km of Salvador. The municipality of Iará is situated in the interior of Bahia, in the region of Feira de Santana. This region is known as the "port of the hinterland of Bahia". Thus, it is intended to expose everyday religious and analyses of power relations that are intertwined in the life of Maria Bacelar da Silva, an Afro-Brazilian religious tradition that resides in Iará, Bahia. From the trajectory of this biography can analyze the Lady variations of charismatic power in shaping social relations that are established between the tradition of religion to political power.

KEYWORDS: tradition, religiosity, political domination, charisma.

1- Introdução

Na minha infância estudei, de 5^a a 8^a série, na Escola Estadual de 1º Grau Maria Bacelar. Essa escola possui características diferenciadas de outras escolas públicas brasileiras, pois ela era administrada por relações de poder que se respaldam na legislação educacional e nas inclusões de poder que estão conectadas ao culto afro-brasileiro. Nessa escola, as aulas aconteciam no mesmo espaço que ocorriam os rituais religiosos. Por conta dessas excentricidades, resolvi desenvolver uma etnografia, a qual

* Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe.

se baseia na experiência vivida no período, de 1990 a 1993. Essa pesquisa resulta de uma perspectiva metodológica que compreende a etnografia com uma estratégia de pesquisa que possibilita a análise dos padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária. Além da experiência etnográfica, utilizo também informações de jornais de documentos manuscritos para cercar a discussão pretendida. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos que não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa.

O marco conceitual dessa produção aproxima-se da concepção com a qual significamos etnografia como o interacionismo simbólico (PARK & BURGESS, 1921; BLUMER 1937, THOMAS, 1927), especialmente, nas análises do processo de socialização entendida como uma negociação constante que não se limita ao vínculo social. Dessa forma, essa produção aproxima-se do pensamento sociológico, o qual representa uma das principais escolas de pensamento da sociologia e tem como característica incorporar a refletividade na análise da ação. Por meio dessa metodologia é possível estudar os fatos e/ou eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. Na etnografia, holisticamente, nós observamos os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de "revelar" o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem (CLIFFORD, 1998).

Desse modo, farei algumas análises a partir da metodologia da história de vida. Por meio desse método tentei compreender os elementos gerais contidos em relatos da vida de um determinado grupo de indivíduos a fim de destacar como viviam na época em que tal acontecimento ocorreu. Tais relatos retratam práticas sociais, as quais estão inseridas no mundo do qual o indivíduo atuou ou faz parte. Vale ressaltar que, nesse estudo não pretendo classificar o objeto, mas compreender o fenômeno social através de função mais exploratória do que analítica e assim obter uma visão geral do objeto em questão.

Assim sendo, articulei o seguinte problema: quais são as razões que levem um grupo social, uma comunidade ou uma sociedade reconhecer como legítima a autoridade detentora do poder político-religioso e a obedecer a seus mandos e ordens? Portanto, esse artigo apresenta uma discussão que relaciona a vida de Maria Bacelar com a noção weberiana de dominação. Assim, aproximo-me do conceito de dominação

carismática, qual é sinônima da representação carismática. Para tanto, utilizo o referencial conceitual weberiano disposto em Economia e sociedade (WEBER, 1982).

De acordo com Max Weber, o carisma se pode definir como uma facilidade inata de se fazer querer, é um poder de atração, é magnetismo puro pessoal. Para os gregos, a expressão carisma está vinculada a ideia de dom de inspiração divina. Dessa forma, compreende-se que os líderes carismáticos apresentam virtudes que inspiram os seus seguidores.

O termo Liderança Carismática é utilizado para definir qualquer líder que tenha os efeitos carismáticos em um grau excepcionalmente alto e tem as seguintes características: elevada autoconfiança; domínio e convicção na integridade moral de suas crenças. Para Weber, o carisma não tem qualquer modelo fixo de autoridade em sua forma primária. Os que são por ele envolvidos não fazem nenhuma concessão ao regulamento previsto, desprezam o comércio e o lucro econômico, e almejam a destruição de todas as estruturas e a desintegração de todos os grilhões dos costumes. O carisma desse tipo é revolucionário e criativo, ocorrendo em épocas de crise social, abrindo caminho para um novo futuro.

Para Weber, o poder do carisma, ao contrário, fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário. No entanto, deve-se compreender corretamente esta oposição.

Apesar de todas as diferenças fundamentais da esfera em que circulam, as “ideias” religiosas, artísticas, éticas, científicas e todas as demais, particularmente também as organizatórias políticas e sociais, surgiram, do ponto de vista psicológico, de uma maneira essencialmente idêntica. Não se encontra, e isto cabe enfatizar para se compreender a significação do “racionalismo”, na pessoa ou nas “vivências” anímicas do criador das ideias ou das “obras”.

Encontra-se, ao contrário, na forma em que são internamente apropriadas e “vivenciadas” pelos dominados ou liderados. (WEBER, 1991, p. 327-328). Sendo assim, pode-se resumir que a principal característica que define a um líder carismático é sua capacidade de seduzir. Ou seja, o líder carismático tem uma personalidade

enormemente atrativa com a que consegui atrair aos demais membros do grupo. Essa análise busca compreender a liderança, como ação do indivíduo para mobilizar as pessoas inseridas em um contexto histórico e social. De um lado esta a situação social e dentro desta se acha o indivíduo que é líder que, com sua ação, encarna a própria situação. Dessa forma, será traçado o perfil do líder carismático através da experiência política de Maria Bacelar dentro de uma organização religiosa, a fim de destacar sua trajetória de liderança, como a ação do indivíduo que torna-se capaz de mobilizar pessoas inseridas em um contexto histórico e social. De um lado está a situação social e dentro desta se acha o indivíduo que é líder que, com sua ação, encarna a própria situação.

Dessa forma, pretendo destacar a relação entre religião e política, um tema clássico no âmbito das ciências sociais. A experiência estudada aponta que esse objeto de estudo, ao invés de apontar para o seu esgotamento, parece indicar uma variação efervescente e criativa de arranjos e articulações que esses dois campos da vida social engendram novas articulações, como por exemplo, das relações estabelecidas na construção político-religiosa de Maria Bacelar.

2- Aproximação do objeto pesquisado

Tomando com referência os conceitos citados anteriormente, busco a descrição do cotidiano da minha experiência na Escola Estadual de 1º Grau Maria Bacelar. Lá as aulas eram ministradas por professores contratados pelo Estado. A direção era da Senhora Maria Bacelar da Silva, que também é uma líder religiosa da tradição afro-brasileira. A qual também era considerada como chefe da religião, pois a imagem de gestora da escola pública misturava-se com ofício da tradição religiosa. Essas duas representações da identidade profissional resultavam num ponto especial da imagem pessoal de Maria Bacelar.

Por conta disso, todos os alunos que estudavam nessa escola mantinham um respeito especial para com ela. Para os alunos, a representação pessoal de gestora de uma escola se misturava com a idéia da representação religiosa, que, às vezes, era o caboclo Erú, o caboclo Jurema, Sultão da Matas, Boiadeiro e Cosme Damião.

O seu poder religioso era inquestionável. Todos da região, principalmente, os jovens, tinham uma representação da imagem de D. Maria Bacelar como a representação do poder sobrenatural corporificado no natural. A capacidade “natural”

era explicada na sua atuação como diretora e vereadora, já a noção do sobrenatural sobrevinha do comando da tradição Afro-brasileira. Ou seja, essa descrição mostra que os universos religiosos e políticos não estão em necessária contraposição.

O terreiro¹ da Fazenda de Maria Bacelar era palco de festas populares, eventos educacionais, torneios de futebol, comícios, distribuição de cestas básicas e de rituais religiosos. Essas relações eram dissolvidas a partir da imagem pessoal da liderança carismática. Tinha momento que Maria Bacelar se apresentava vestida com roupas elegantes e cheirando perfume francês, atributos dignos qualquer mulher de classe média alta. Nesses dias ela recebia os políticos da região e representantes da política estadual como o Senador ACM (Antônio Carlos Magalhães). Quando se envolvia na distribuição de bens para a comunidade como: gêneros alimentícios, roupas e brinquedos, ela vestia roupas simples, típicas das senhoras da zona rural. Em outros, ela aparecia vestida de branco e cheirava seiva de alfazema e folhas como: alecrim, manjerição, murta, arruda, etc. Nesse momento a imagem de D.Maria era bem próxima de uma líder religiosa da tradição afro-brasileira.

A sua residência também era palco de eventos políticos como as campanhas e os comícios dos candidatos a prefeito, enorme era a participação de deputados, secretários estaduais e políticos de cidades circunvizinhas de maior expressão, como é o caso do senador baiano Antonio Carlos Magalhães. No contexto das campanhas municipais alguns partidários, valia de tudo para chamar a atenção do eleitorado, como a articulação de inflamados discursos de campanhas que eram refletidos em tom de acusações, ou apontando os benefícios realizados para o município nos comícios por ambos candidatos e aliados políticos.

Os discursos políticos também eram construídos no cotidiano escolar, da Escola Estadual Maria Bacelar, pois os aliados políticos tinham acesso às salas de aulas, nas quais eles pediam votos para os alunos que eram eleitores. O cotidiano dessa escola era marcado por rituais de caráter educacional, político e religioso. Ali a religião e a educação sistemática exerciam papéis de controle na ordem da escola. Quando qualquer aluno cometia uma inflação grave que mexia com a ordem a diretora era convocada. Sempre que ela comparecia na escola era para exercer missões especiais no controle da disciplina dos alunos. Quando ela entrava na sala muitos adolescentes ficavam em

¹ Esse termo é utilizado no Sertão da Bahia para designar um espaço de terra plano e largo, que fica em torno de uma residência rural.

estado de choque. Alguns temiam e tremiam, pois a voz de D.Maria era a mesma voz do Caboclo Erú, o seu guia espiritual supremo.

O guia é a entidade responsável pela faixa vibratória; era aquele que comandava e autorizava o trabalho espiritual e das outras entidades. Ninguém fugia do controle de Erú. Nenhum erro era escondido quando a voz tradição bramia. Os namoros proibidos eram revelados. As brigas sigilosas do cotidiano dos alunos eram narradas pelos seus autores. Dessa forma, tudo era resolvido. Nenhuma confusão durava muito tempo. A diretora não só punia, mas também brincava com os alunos e dava presentes e doces em datas especiais como: o natal, a páscoa, o dia das crianças, o dia das mães, o dia dos pais, São João e no dia de Cosme e Damião. Assim, compreendíamos que a diretora agia como uma mãe; agradava, quando preciso e também castigava quando necessário.

O intervalo entre as aulas era movido por deliciosas merendas. Tínhamos a merenda escolar do FNDE², mas as preferidas eram as oferendas dos santos e dos orixás. Essa comida era mais saborosa e era diversa. Comíamos acarajé, caruru, vatapá, arroz doce, pipoca doce, abará, canjica, mingau, etc. Enfim, sentíamos agraciados, assim como os orixás, supostamente deviam se sentir.

A fazenda Trindade recebia várias visitas: pessoas simples da comunidade, pessoas ricas dos centros urbanos distantes (Salvador, Feira de Santana, Cachoeira, Santo Amaro e outros). Até com artistas nos deparávamos. Músicos baianos e até mesmo artistas da televisão. A presença mais marcante desse gênero se consolidou a partir da visita da atriz Alice de Karen (no período ela trabalhava no Programa A Praça é Nossa do SBT).

Na Escola Estadual de 1º Grau de Maria Bacelar não existia rotina, pois as festas comemorativas e os eventos políticos, como os comícios, preenchiam o marasmo da vida singela, típica da zona rural. Ali, as fronteiras geográficas das comunidades rurais se encontravam com o estilo de vida urbano. Pois a religião aproximava camponeses de homens urbanos. Todos se encontravam em torno dos eventos e dos rituais promovidos em torno da liderança de Maria Bacelar.

2- As festas comemorativas da Casa de Maria Bacelar

As festas comemorativas promoviam uma grande agitação na comunidade local.

² O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Autarquia Federal vinculada ao Ministério da Educação, Órgão responsável pela captação de recursos financeiros oriundos do Salário-Educação, principal fonte de recursos de financiamento do ensino fundamental público visando a universalização do Ensino Fundamental e à melhoria da qualidade do processo ensino-aprendizagem, de forma a reduzir as desigualdades sócio-educacionais regionais.

Nos dias de terça-feira ocorriam as sessões. Esse evento reunia toda a comunidade e os membros iniciados na tradição da casa religiosa de D. Maria Bacelar. O ritual era iniciado a partir da 18:00h. Geralmente, ocorria como primeiro tópico do evento a celebração coletiva da oração do ofício³ e Nossa Senhora.

Essa prática nasceu na tradição católica, que se adaptou nos rituais do catolicismo popular das comunidades rurais do sertão da Bahia. A oração era narrada por todos, cujo sentido se respaldava no processo de libertação dos oprimidos pelos espíritos malignos e esperíto dos mortos que visitavam os corpos das pessoas. Dessa maneira as pessoas rezavam, seguindo a voz da líder religiosa:

Deus vos salve,
Virgem Senhora do mundo
rainha dos céus,
e das virgens, Virgem.
Estrela da manha
Deus vos Salve
Cheia de graça divina
Formosa e louçã.

Dai pressa, Senhora,
em favor do mundo,
pois vos reconhece
como defensora.

Deus vos nomeou
desde a eternidade
para a mãe do Verbo
com o qual criou

Terra, mar e céus,
e vos escolheu,
quando Adão pecou,
por esposa de Deus.
Deus a escolheu
e, já muito antes,
em seu tabernáculo
morada lhe deu.

³ Este ofício popular foi escrito em meados do século XV e segue a divisão da oração do breviário antigo nas horas de Matinas, Prima, Tércia, Sexta, Nôa, Vésperas e Completas. Mas enquanto a oração do breviário é rezada parceladamente de manhã, ao meio-dia, de tarde e de noite, o ofício popular de Nossa Senhora é rezado de uma só vez, por exemplo, nas igrejas paroquiais todo sábado à tarde. O ofício tem o texto cheio de alusões bíblicas e sempre foi muito popular. Praticamente todos os tradicionais livros de oração, cartilhas, manuais de irmandades etc., incluem o Ofício de Nossa Senhora. Nos quartéis militares cantava-se o ofício da padroeira do Brasil todos os sábados até o fim do século passado, quando Igreja e Estado se separaram. A tradição popular conta que Nossa Senhora da Conceição era a madrinha de batismo do cangaceiro Lampião. Foi por isso que ele numa ocasião se retirou de uma casa familiar, quando descobriu que na cumeeira da casa estava escrita uma frase do ofício, e deixou todo mundo em paz. Beatos e missionários ensinavam ao povo a rezar o ofício todos os dias, como consta nos benditos da tradição oral do povo pobre na área rural.

Ouvi, Mãe de Deus,
minha oração.
Toquem em vosso peito
os clamores meus[...]

Depois dessa fase o Caboclo Erú é recebido pela líder religiosa. Ele faz uma saudação para todos, e depois trata de questões específicas para os membros, que são chamados de médiuns⁴. O Sultão das Matas era incorporado pela líder religiosa, Maria Bacelar. Sultão da Mata incorpora-se abruptamente no carnal até aquele momento possuído por Erú, que expulsando para que o Sultão ocupasse o seu lugar. Mas, geralmente, ele é recebido quando alguém entoia o seu cântico:

Sultão da Mata verde,
É ê ê ê - A
Sultão da Mata Verde,
Reparrê - Mata Pesada
Caboclo do mato, o que é que come?
É a folha verde de Guiné,
Senão achar a folha verde?
Come a seca que tiver.

Ele se auto-afirma, enquanto um caboclo que vem de longe, não pertence à terra. Para a tradição da casa, este cântico significa um diálogo entre os guias de origem africana e os caboclos de origem indígena⁵. É como se o negro, elemento estranho, em que aqui chegando e entrando em contato com o elemento nativo, quisesse saber sobre a sua cultura (Caboclo do mato o que é que come?), interpelando sobre o que é para nós um traço cultural dos mais marcantes: a alimentação; no que é respondido com uma afirmação

É folha verde de Guiné, em uma tácita aceitação da cultura negra e ao convívio harmonioso e pacífico. O que para o chegante não é suficiente e volta a perguntar: Se não achar a folha verde? Indicando a intenção de conhecer a cultura do elemento nativo, no que é respondido com uma demonstração de aquiescência ao convívio com a cultura negra (Come a seca que tiver), guardando, contudo, a sua liberdade e poder de auto-manutenção. O caboclo Sultão das Matas, apesar de ser um invasor, era visto como um caboclo manso, adaptável, preparado para o diálogo. Quando ele ia embora deixava sempre um recado para todos que estavam na sessão, principalmente os membros da

⁴ Os médiuns são os iniciados na Casa, que compromissos religiosos com a tradição. O médium tem a responsabilidade e o compromisso de servir como um instrumento de guias ou entidades espirituais. O médium deve tomar, sempre que necessário, os banhos de descarrego adequados aos seus Orixás e Guias, estar pontualmente no terreiro com sua roupa sempre limpa, conversar sempre com o chefe espiritual do terreiro quando estiver com alguma dúvida, problema espiritual ou material.

⁵ PRANDI, Reginaldo. Encantaria Brasileira, Edição: 2001, Editora: PALLAS, São Paulo.

mesa. Os caboclos eram vistos no imaginário religioso local como primitivos conhecem bem tudo que vem da terra, assim caboclos eram vistos como os melhores guias para ensinar a importância das ervas e dos alimentos vindos da terra, além de sua utilização. Eles davam receitas para curar doenças de caráter medicinal e também, as de origem espirituais.

Quando as sessões terminavam, as crianças ficavam em volta da mesa para receberem as frutas e as delícias que eram oferecidas aos santos e orixás. A referida mesa era arrumada com uma renda branca e sobre ela colocavam-se perfumes, frutas, água, mel, e folhas que eram usadas para banhos.

O calendário das festas religiosas era marcado pelos cultos aos santos e orixás. Nos dias consagrados a Fazenda Trindade recebia várias pessoas da comunidade para celebrar rituais promovidos a partir de festas e muita comida. O roteiro das festas processava-se a partir do primeiro dia do ano. Assim como destaca o site principal da cidade⁶:

A sessão de ano novo (1º/01), na Faz. Trindade, aqui em Irará, tendo a frente à conhecidíssima Guia Espiritual/Afro-Brasileiro D. Maria Bacelar (Caboclo Erú), contou com a presença de mais de mil pessoas (vindo de Irará, Feira, Salvador Santo Amaro, Cachoeira), onde foi dados passes, orações, cantigas católicas.

A primeira sessão do ano, na casa de Maria Bacelar, é o principal evento do município de Irará, nesta data. As pessoas da terra vão buscar as bênçãos para um ano novo repleto de paz e prosperidade. Não só as pessoas iniciadas visitam a casa religiosa nesse dia. Trata-se de um evento religioso que recebe de católicos a membros da tradição Afro-Brasileira. O acontecimento é comandado pela líder religiosa que executa o ritual do passe. Esse ritual consiste no derramamento de água perfumada na cabeça do sujeito. O qual recebe bons fluidos através dos elementos que compõem a mistura sagrada.

Durante o ano outros santos e orixás eram homenageados. Eram celebradas muitas festas na casa de D. Maria Bacelar entre as principais, temos: Natal de Jesus, Cosme e Damião e Festa do Caboclo Erú.

A festa de Natal era celebrada na intimidade do lar, com simplicidade e respeito à família sagrada que modificou a história dos homens. No dia de Natal, a líder religiosa, Maria Bacelar, convocava em torno de trinta meninas da comunidade para celebrar a festas das pastorinhas. As pastorinhas com seus arcos e cestinhas de flores

⁶ Portal: www.irara.com.br

bailavam diante do presépio do Deus menino. Vestidas de pastoras com seus chapéus de palhas enfeitados, de blusas brancas e saíngas de xadrez ou todas de branco, as pastorinhas cantavam suas melodias alusivas ao evento. Em toda a comunidade, as pessoas armavam presépios para anunciar o nascimento do menino Jesus seguindo uma tradição, que era também ensinada por Maria Bacelar.

A festa de Cosme e Damião movimentava toda a comunidade, pois se trata de uma festa que é ritualizada através de comemorações de caráter público. Nas proximidades do dia 27 de setembro, é comum encontrar, pelas estradas de Irapá, crianças jovens e adultos pedindo esmolas para São Cosme e Damião. O ato de pedir esmolas não nasce a partir de uma estratégia econômica de captação de recursos para a organização da festa, pois ele está compreendido através da idéia do sacrifício público que os féis desenvolvem em prol dos santos. Isso se justifica na participação de Maria Bacelar nesses rituais, pois é conhecida, em toda a região, como uma senhora de posses, está entre os mais ricos do município. Possui vários bens, incluindo casas, carros novos e outros atributos que servem de como aparatos que representam riquezas na região do Sertão baiano. Mesmo assim, ela organiza um grupo de pessoas que sai pela comunidade pedindo esmolas para São Cosme e São Damião. O ato de pedir esmola de Maria Bacelar, transformou-se num “Lindo Amor”⁷.

O “Lindro Amor” de Maria Bacelar é bastante democrático, no ponto de vista da participação. Esse é composto por homens, mulheres, jovens e crianças. As mulheres vão sempre ao meio, vestindo saias de roda e chapéus de palha enfeitados com tiras coloridas. Elas dançam e cantam, enquanto os homens vão atrás, batucando o pandeiro, tocando a viola ou a sanfona. Na frente, as crianças animam o “andamento”. Uma delas carrega consigo uma sombrinha e uma caixa de sapato vazia com a imagem dos santos irmãos. Devagar, vão parando de casa em casa, onde, cantando a seguinte cantiga:

(chegada)
Eu vou brincar
meu Lindro Amor
Vou brincar
Eu vou brincar
meu Lindro Amor
Vou brincar
(refrão)
Ô lindro amor
Ô linda fulô
A Virgem Nossa Senhora

⁷ As procissões de devotos de São Cosme e São Damião também fazem parte da tradição religiosa de Irapá. Os mais velhos foram morrendo e levando consigo os segredos do lindro amor.

é um cravo é uma flor
A Virgem Nossa Senhora
é um cravo é uma flor
Deus lhe pague a sua esmola
Dada de bom coração
Nesse mundo ganhou prêmio
E no outro a salvação
Deus lhe pague a sua esmola
Deus lhe dê muito o que dá
Deus lhe dê anos de vida
Saúde para gozar
Deus lhe dê anos de vida
Saúde para gozar

Depois de cantar esse refrão as pessoas vão saindo e desejam saúde e prosperidade para os seus donos. Em troca, recebem pequenas esmolas. E assim o evento segue até chegar a Fazenda Trindade, onde as pessoas participam de samba de roda e de grande almoço que é oferecido aos orixás.

No âmbito geral do município de Irapá o “Lindro Amor” ocorre como um peditório, que se faz em benefício das festas de Nossa Senhora da Purificação ou São Cosme e Damião. O grupo sai em visita às casas, levando algo que simbolize a devoção. No caso de Nossa Senhora da Purificação, leva-se uma coroa numa bandeja florida, junto à bandeira, enquanto os participantes entoam cânticos acompanhados com pandeiro e tambor.

A festa de São Cosme e São Damião de Maria Bacelar também é a festa de seu aniversário, ocorre no dia 27 de setembro, e conta com a participação de várias pessoas. Pessoas simples da comunidade e pessoas famosas como artistas e políticos. Nesse dia, ela oferece um grande cururu, que é servido para todos da comunidade ali presentes.

A principal festa da casa de Maria Bacelar ocorre no mês de julho, quando ela executa uma grande festança para homenagear o Caboclo Erú, seu guia espiritual. Nesta ocasião, ela convoca todos os membros de sua casa para efetivação de um sacrifício coletivo. Esse se processa a partir de rituais e símbolos comemorativos.

Oito dias antes da festa de Erú, os membros iniciados na casa, recebem um comando de jejum coletivo. Esses se absterem de comidas pesadas, como carne e derivados e comem apenas carnes de frango ou peixe. Também fazem abstenção do sexo.

Os preparativos para a festa de Erú começam, quando todos os membros da casa, inclusive a líder, Maria Bacelar ergue uma barraca de palha, que depois de pronta é enfeitada com as cores do orixá de seu proprietário. Têm-se barracas para vários orixás:

a de São Cosme é enfeitada de azul, a de Oxalá é branca, a de Santa Bárbara é vermelha, e de boiadeiro tem adereços de couro, a de Oxossi é verde, etc. Nesse lugar, ocorre toda a preparação do caruru que é servido à noite.

Na noite que antecedia o dia dois de julho, os componentes iniciados na casa de Maria Bacelar, ficam todos isolados em uma sala, onde são promovidos rituais secretos. Nessa noite, ocorre consagração de pessoas que são iniciadas e Batismo dos que já fazem parte da casa. A consagração iniciação ocorre a partir de um infortúnio que o sujeito passa. Depois que esse toma vários banhos de purificação é convocado para fazer parte do centro. Essa convocação implica na participação do iniciado nas atividades das sessões e do ritual que ocorre no dia da festa de Erú.

Ao nascer do sol do dia 2 de julho, as explosões de fogos anunciam o início de grande sacrifício coletivo de animais como galinhas carneiros e bois. A quantidade de animais que os sujeitos sacrificam é proporcional às condições financeiras de cada pessoa. Os que têm maiores condições sacrificam bois, carneiros e galinhas. Os que possuem poucas condições ofertam apenas galinhas e carneiros. Esse ritual é conhecido de matança.

Para uma pessoa participar desse ritual é preciso toda uma preparação, no ponto de vista espiritual. As pessoas que executam as tarefas da matança purificam o corpo com banhos de folhas e untam as mãos com mel. Tudo isso ocorre para que nenhuma pessoa entre no processo da possessão. Essa consiste na, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada. A possessão é sinônima da subjugação. Na hora da matança, os iniciados entram em transe e invocam seus guias espirituais.

Depois da matança, são formadas equipes que trabalham coletivamente limpando as carnes, que são cozidas em caldeirões. Ao meio dia, a líder espiritual convoca os iniciados para fazer o trabalho que consiste na entrega dos restos das impurezas dos animais (penas, peles, unhas e cabeças), para o Exu. Esse ritual é movido por oração do credo, consiste na seguinte oração:

Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem, padeceu sob Pôncio Pilatus, foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos, ao terceiro dia ressurgiu dos mortos, subiu ao Céu, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na

comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

Depois desse ritual, os membros recolhiam-se em suas barracas, das quais só saíam depois que os ingredientes que compunham o caruru estavam prontos. Como: arroz branco, caruru feito com quiabo e sem azeite de dendê, galinha cozida e carneiro cozido. Quem sacrificava boi servia a carne crua que as pessoas assavam, ou levavam para casa para comerem em suas refeições diárias.

Por volta das 16h00min h da tarde, as pessoas iam chegando à fazenda Trindade para participarem da festa. Tudo começava com o toque de músicas baianas, típicas do Axé Music. Para as pessoas rurais da região, brincar atrás do trio elétrico foi possível a partir da festa de Erú. Em 1984, a festa do caboclo Erú, contou com a participação da Banda baiana Chiclete com Banana, que estava no início de sua carreira, mas era o principal grupo da música baiana.

Por volta da 18h30minh, todos os membros que estavam em suas barracas davam o caruru para sete meninos e sete meninas. No chão, sobre um pano forrado, os meninos mais jovens comem o caruru. Sete crianças entre cinco e oito anos ficavam abaixadas comendo caruru em pratos individuais. Esses contêm além do caruru, frango cozido, carneiro cozido e arroz branco. Depois, a comida era liberada para todos que estavam naquele lugar.

As 19h00minh, D. Maria Bacelar parava a festa e entoavam músicas em homenagem a Erú. Apresentava-se vestida com roupas da azul, ou verde, com um penacho de índio na cabeça e um tridente na mão. Nessa hora a sua imagem era representada como a imagem de uma guerreira. A sua voz adquiria uma tonalidade grave que muitas pessoas temiam. Assim era saia conduzida por uma auxiliar repreendendo todas as pessoas que estavam praticando violência e atos libidinosos. Quando flagrava alguém praticando uma dessas atitudes, ela suspendia o tridente de metal dourado e os desviantes saíam correndo. Nos casos mais graves era contava com ajuda de policiais da Polícia Militar que eram convocados para executarem a segurança da festa.

Essa festa ocorre a mais de 40 anos, recebe sempre em torno de cinco mil pessoas, mas nunca ocorreu nenhum caso de violência como homicídio e outro tipo de violência grave, que ocorre sempre nas festas populares do município. O arquivo da delegacia local nunca registro nenhum fato de violência decorrente da festa de Erú. A

repressão que é feita entre religião e ação policial do Estado sempre funcionou com sucesso.

Para as pessoas que moram ao redor da fazenda de Maria Bacelar, as festas que aconteciam em sua residência são temas importantes na vida diária, pois essas festas constituem assunto fundamental na vida de muitas pessoas. A rotina diária é interrompida muitas vezes ao longo do ano, pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica desta rotina. Para os que as organizam, as festas não representam propriamente momentos de lazer, mas de trabalho, intenso e prazeroso, no seu preparo e na sua realização.

Essas festas estão inseridas nas representações que se dão por vezes em cortejo, tendo por cenários públicos. Essas festas movem todas as comunidades do município. Seus participantes se organizam em grupos estruturados, respeitando a divisão de trabalho e a hierarquia interna. Estas são organizadas por meio de ensaios periódicos, o que faz seus funcionamentos ultrapassar o momento da representação, exigindo do povo certa permanência nos grupos.

3- Como Maria Bacelar Foi Iniciada na Tradição Religiosa Afro-Brasileira

A iniciação de Maria Bacelar na tradição religiosa processou a partir da herança das tradições familiares. Seu pai Domingos de Jesus (já falecido) foi um dos primeiros curandeiros da região. A partir do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda pode-se conceber a idéia de curandeiro o indivíduo que se propõe curar doenças pela prática, sem curso de habilitação; charlatão em medicina.

No caso de Domingos de Jesus, a sua atuação nas práticas de curas ocorreu num período estabelecido entre os anos 50 e 80 do século XX, quando em Irapueta possuía poucos profissionais da medicina. . Ele começou com utilizar a na sua casa com seu avô e seu pai. No entanto, empreendeu seu trabalho de médico curandeiro logo que lhe passa uma doença grave a qual ele mesmo tem que se curar. Inicia, então, seu período de estudo intensivo da medicina tradicional.

Neste período de aprendizagem, fazia dieta, em cada dia tomando plantas. Durante esta época, os espíritos das plantas conversam com ele e lhe ensinam suas propriedades, os cantos e os diferentes métodos de cura. Também recebeu estes ensinamentos através de sonhos. Esta dieta inclui ingerir plantas diariamente, refeição do meio-dia e alimento sem sal, açúcar, nem carne de porco, nem bebidas alcoólicas e

nem contato sexual. Até os anos 60 do referido século, o único médico que atuava na região era o Dr. Deraldo Campos Portela. Dessa maneira, os trabalhos de Sr. Domingos de Jesus era procurado na comunidade na perceptiva de preencher um espaço deixando pela medicina, que tinha uma atuação precária no município.

Desde menina, Maria Bacelar possui dons espirituais que lhe concedeu a iniciação da religiosidade afro-brasileira. Ela nasceu em um dia consagrado à tradição afro-brasileira, 27 de setembro, dia de São Cosme e São Damião. Suas primeiras práticas foram desenvolvidas por meio de auxílio espiritual com as consultas e também como caridade. Inicialmente, tudo começou em torno de casa simples. Mas, com o passar dos anos a pequena casa transformou-se em uma grande fazenda. Essa fazenda possui uma estrutura que abriga uma casa sede, alojamentos para empregados, um salão de festas(onde processa-se as festas religiosas), e duas escolas.

As escolas que estão situadas na fazenda de Maria Bacelar são: Escola Municipal Ruy Barbosa(escola de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série) e a Escola Estadual Maria Bacelar. A primeira foi instalada, quando a religiosa exercia a profissão docente, no decorrer dos anos 70. Em 1988, Maria Bacelar realizou um grande sonho; que foi de possuir uma escola de 5ª a 8ª série na zona rural de Iará. Essa foi a primeira escola que possuía ginásio no município de Iará. Antes, as jovens e as crianças da região estudavam até a 4ª série. Não prosseguiram os estudos.

Nessa perspectiva, Maria Bacelar constrói uma imagem de política entre a ação tutorial e participativa. A primeira justifica-se pelo fato dela tomar a frente de tudo, centralizar em suas mãos as tomadas de decisões, identificar os problemas da população e propor soluções por si mesmo, sem levar em consideração a personalidade e individualidade da pessoa ou da comunidade. A representação participativa, por sua vez, está vinculada a sua atuação junto com a população, no se ato de ouvir constantemente as pessoas, respeitando-as e mostrando o valor de cada um na comunidade.

A residência oficial da religiosa é na zona rural de Iará, onde instalou sua casa religiosa. É considerada uma Casa de Fundamentos e “trabalhos de curas” e que atende, em suas sessões de atendimento público, sem qualquer fim lucrativo, a milhares de pessoas necessitadas através das faculdades mediúnicas de seu Mestre de Iniciação e de seus discípulos. Além dessa casa, Maria Bacelar possui outras, nas cidades de Salvador e Feira de Santana.

Os ensinamentos de Sr. Domingos consagraram Maria Bacelar numa mulher

poderosa, que atua nas comunidades de: Santo Antonio, Caroba, Tapera, Burril, Mocó, Saco do Capim, Leão, Maná, Parnamerim, etc. De acordo com a tradição, essa religiosa tem contato direto com as entidades por meio da incorporação. Por conta desses dons, ela recebe consultantes, os quais fazem reflexão sobre suas próprias vidas, a fim de assumir uma postura mais responsável perante sua existência, à medida que introduz visão mais próxima da Realidade, tanto material quanto espiritual.

Assim muitas pessoas que residem em Irará, e em outras cidades, procuram a casa de D. Maria Bacelar em busca de curas para alguns males. Esses estão compreendidos no ponto de vista das doenças, que geralmente são tratadas pela medicina e de problemas espirituais, emocionais, como: problemas familiares entre pais e filhos, crises em relacionamentos conjugais, brigas entre vizinhos, dentre outros. A líder religiosa atua no processo de cura dos problemas espirituais e de relações interpessoais, questões que são trabalhadas por profissionais da Psicologia.

Além do atendimento espiritual, Maria Bacelar, tem como objetivos auxiliar no suprimento, na medida do possível, de “necessidades mais imediatas” tais como: alimentação e roupas. Segundo seus seguidores, “seus trabalhos filantrópicos vão além dos ideais de solidariedade, buscando também a ação de cidadania e resgate à dignidade humana”. Na casa religiosa, “a caridade é uma meta a ser seguida e para onde se direcionam suas atenções”.

Os iniciados na casa são orientados cotidianamente em suas relações profissionais, emocionais, religiosas, familiares e políticas. Eles recebem direção da líder religiosa, quando incorporada pó Erú, sobre as ações no mundo das relações sociais. Percebe-se que Maria Bacelar consegue estabelecer a dominação entre os seus seguidores a partir do que o Max Weber considera como dominação *lato sensu*, a qual está vinculada a “probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo” (WEBER, 1991, p. 33).

Dessa forma, ela exerce legitimidade de comando, que é evidentemente aceito pelos dominados. Tais métodos são aplicados através das estratégias de aconselhamento avançados destinados aos ritos internos e secretos, reservados aos adeptos e iniciados que já possui um alicerce mais firme de personalidade e alcance espiritual maior, fruto de sua própria experiência. Entre os dois pólos descritos há uma imensa gama de pessoas com níveis de entendimento variados que se beneficiam dos aconselhamentos, através dos rituais e de momentos de coerção abertos ao público.

Quando recebe Erú nas sessões abertas ao público, Maria Bacelar disciplina e aconselha as pessoas presentes. No salão da sessão ela começa cantando diante de uma mesa preparada para o ritual onde se encontram: santos, velas, rosas, doces, mel, copo d'água, etc. Invoca seu guia, juntamente com a Nossa Senhora da Conceição. Pede depois a Erú para 'abrir a mesa'. Canta depois para Sultão das Matas, Boiadeiro, Oxossi, Oxalá, Santa Bárbara, Janaina, Oxumaré, etc. Derramando água de cheiro em todos que estão sentados à mesa, que é também defumado pelo servente de Cura com um incenso. O servente de cura é uma senhora, Valdelice do Amor Divino, que ajuda a religiosa a mais de 30 anos.

Aberto o ritual, o caboclo Erú começa a falar com as pessoas sobre diversos assuntos. Fala das questões da violência no contexto regional e global e pede a proteção dos anjos para as famílias ali representadas. A líder religiosa recebe também outras entidades com o caboclo Tapiramutá, esse temido por todos, só é recebido quando existem questões graves de disciplina dos membros iniciados e dos ouvintes. A mudança de entidades é acompanhada de interrupção da dança e de sacudidas de maracá. Às vezes, São Cosme, tratado por todos carinhosamente como Cosminho é recebido. Nesse momento, muitos ficam alegres, como as crianças e aqueles que têm uma boa conduta social. Já outros sofrem, pois orixá mirim, sempre relata segredos e temas calorosos como relacionamentos fora do casamento. A entidade infantil sempre chega pedindo doces. Muitos homens já entram no salão da sessão com sacos de doces, pois eles são aqueles que Cosminho mais persegue, revelando os seus segredos amorosos, como homossexualismo e traição. Quando o erê mirim recebe os doces, soltas gargalhadas e fica calado. Depois desse ritual os doces são distribuídos entre as crianças.

Na Casa de Maria Bacelar também ocorria curas no momento das sessões. Algumas pessoas da comunidade afirmam que foram curadas a partir de práticas cirúrgicas mediúnicas. Essa se consolidava, enquanto uma “cirurgia” que é uma espécie de não-cirurgia, praticada líder religiosa com ajuda de uma auxiliar. As pessoas, que sofriam o processo de intervenção cirúrgica, vestiam-se de roupas brancas e ficavam cobertas com um lençol branco.

A curandeira afirmava para todos que estava fazendo uma incisão de seu dedo sobre o corpo do paciente, aparentemente atravessando a pele sem utilizar nenhum instrumento cirúrgico. Afirmava que estava introduzindo as mãos nas entranhas do

paciente e extrair “tumores”, enfermidades e doenças neurológicas. Nesse momento ela recebia o doutor Raul, espíritos de um médico falecido.

Na sessão ocorria, também, o descarrego espiritual, a partir de um ritual que era iniciado com a oração do terço de Nossa Senhora que seguia a seguinte sequência: “Pelo sinal (da Santa Cruz (onde todos benziam seu corpo a partir de sinais que representam uma cruz), livre-nos Deus, (+) Nosso Senhor, dos nossos (+) inimigos. Em nome do Pai, (+) do Filho e do Espírito Santo. Amém”. Nessa hora, que estavam passando por problemas de possessão sofriam o efeito (LEWIS, 1977, p.79- 123).

. Assim, líder espiritual executava a purificação da pessoa, a partir de ritual que eram celebrados publicamente, onde a pessoa afligida tomava uma surra de ervas para que o espírito estranho que visitava aquele corpo fosse embora.

Toda essa cerimônia de festas, curas mediúnicas e sessões coletivas transformaram Maria Bacelar numa líder política influente no município de Irapá. A sua carreira política é marcada por quatro mandatos como vereadora. Ela já chegou, em 1983, ser a segunda colocada na eleição municipal para o cargo de representante do poder Executivo de Irapá. A diferença de votos entre Maria Bacelar e Alberto Pereira de Santana, o eleito para prefeito nessa época, foi de 16 votos.

Nas eleições de outubro de 2000, Maria Bacelar obteve 529 votos, sendo eleita pela quarta vez com a melhor votação para o poder legislativo local. Nessa mesma eleição o seu Filho Vital Bacelar foi eleito pela segunda vez como vice-prefeito do município. Vital candidatou-se em 1996 ao cargo de prefeito, mas não foi eleito, ficando na terceira colocação.

O grupo político de Maria Bacelar é comandado e ela e os seus seguidores, esses são alguns pequenos produtores rurais das localidades de: Saco do Capim, Mocó, Parnamirim, Burril, Santo Antônio, Tapera, Caroba, Leão e Maná. Todas essas pessoas fazem parte de sua casa religiosa. Para as pessoas que residem nessas comunidades ela é vista como uma mediadora política e religiosa, que se apresenta como um importante elemento a ser considerado através da idéia de representação. Ou seja, a mediação é uma relação que ocorre entre duas identidades com interesses particulares e que não necessariamente possuem conexões prévias entre si. Neste ponto, parece-nos que o exemplo da relação de representação que se estabeleceu entre a personalidade política e a personalidade religiosa.

Dessa forma, esse exemplo de representação tem a característica de estabelecer a

relação entre duas particularidades: a mediadora e a mediada. Na primeira características ela se propõe a ser a porta-voz política do povo, na segunda característica ela age como mãe do grupo, líder religiosa. Nesse momento, a identidade representante deixa sua mera condição inicial de líder política para tornar-se também líder do grupo diante de uma condição especial, a qual está vinculada à tradição religiosa. Esse sentido de representação apresenta-se suficientemente claro na Teoria do Discurso de Ernesto Laclau:

nós já sabemos o que são estas formas de representação: particularidades que, sem cessarem de ser particularidades, assumem a função da representação universal. Essa personalidade deixa de representar a sua mera particularidade e torna-se capaz de representar outra identidade que está vinculada a experiência com o sagrado. (LACLAU, 2000, p. 56).

Maria Bacelar exerce uma autonomia, tanto no ponto de vista da poder religioso, como do poder político. Isso é comum nas religiões dos orixás, cada terreiro tem plena autonomia administrativa, ritual e doutrinária, e tudo depende das decisões pessoais da mãe ou pai-de-santo. O controle social exercido entre terreiros, no conjunto geral do chamado povo-de-santo, se faz por redes informais de comunicação, em que a fofoca ocupa lugar privilegiado (BRAGA, 1998), sem que a independência do sacerdote-chefe de terreiro, contudo, sofra realmente qualquer limitação eficaz.

É costume se dizer que no candomblé “nada pode e tudo pode” e que tabus são para ser quebrados (AUGRAS, 1983). Assim, cada comunidade de culto é livre para experimentar inovações ou retornar as formas anteriores, incorporando práticas que para outros da mesma religião podem não fazer o menor sentido. Cada terreiro exerce o direito de copiar e incorporar novidades, mas costuma dotá-las de outros significados. Pode mudar, afirmando que se mantém na rígida tradição.

Terreiros nascem uns dos outros, mas não há dois iguais, mesmo quando se observam os terreiros mais antigos, surgidos da mesma matriz fundante. Autonomia no ponto de vista político marca a história de vida dessa senhora. Deputados, senadores vereadores e prefeitos visitam sua casa, e quando precisam buscam a força político-religiosa de Maria Bacelar.

Nas eleições locais, ela e seu substituto, Vital Bacelar, estão sempre decidindo os resultados. Pois os dois últimos prefeitos, Juscelino dos Santos e Amaro Bispo dos Santos (Marito), buscaram a coligação com o poder carismático dos Bacelar para conquistarem o poder Legislativo. Os jornais do período pós- eleições municipais

deixam bem claro que o poder foi conquistado pelo prefeito com o apoio de Vital Bacelar.

Apesar de possuir essas características que a colocavam como a principal representação política do município, reconhecida até mesmo por adversários políticos, Maria Bacelar não conseguiu adequar seu desejo de ser prefeita de Irapuã. Contudo, nas eleições locais ela faz alianças e acordos políticos no município, garantindo assim, a permanência no poder local, ao lado de uma elite política. As práticas religiosas, nesse contexto, servem com instrumento de mediação entre a representação do poder político local. A religião apresenta-se na manutenção da ordem social e construção da força carismática.

Diante deste contexto, destacam-se as relações entre as dimensões políticas e religiosas na definição de um espaço público que contempla diferentes lógicas acerca da realidade social e, conseqüentemente, diferentes formas de intervir na mesma. As relações de poder implicadas neste processo estão expressas em movimentos que expressam a ambigüidade produzida por diferentes visões da realidade social.

4- Relações entre Poder Político e Tradição Religiosa

O poder exercido por Maria Bacelar, no município de Irapuã articula política e religião, o qual decorre do papel formador atribuído às relações pessoais exemplares da experiência e visão religiosas. Ou seja, nessa experiência surgiu um processo de dominação demarcado nas relações de autoconfiança, confiabilidade, autoformação e respeito mútuo. Dessa maneira, considero as relações sociais que Maria Bacelar desenvolve no município de Irapuã, a partir de estratégias políticas e religiosas. Tem momentos que ela é líder religiosa e comanda comando fiéis, já em outros demanda comandos para os correligionários.

O contato com os fiéis lhe permitiu então a rápida acumulação de poder e propriedades nas mãos da líder carismática. Ela passou a utilizar-se desta grandiosidade para buscar por novas formas de conquistar mais poder e fontes de riqueza, e encontra assim a na representação do poder do Estado, configurado a partir da chefia da Câmara de Vereadores do município de Irapuã como uma excelente base para administrar e justificar seu poder, fazendo com que em uma via de dupla mão, ambos – Religiosidade afro-brasileira e Estado - beneficiando-se mutuamente do poder para conquistar ainda mais poder e mais recursos, enquanto dirigente.

Ela conquistou a construção de uma escola de Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª série, em sua fazenda no ano de 1987. A Escola passou, então, a funcionar como órgão legitimador da ideologia estatal, ensinando que Deus, os santos e os orixás, poderiam consolar-nos dos problemas da vida terrena enviou-nos os Santos Governantes, que devem ser louvados e reverenciados, Santos Homens como a D. Maria Bacelar, Antônio Carlos Magalhães e outros políticos. Este poder total e avassalador entram no vivência das pessoas, que passam a compreender que o controle e o poder total do Estado também são fenômenos normais assim como o Deus e a entidades religiosas.

De acordo, como o conceito de dominação de Max Weber (1982, p. 193), a representação que está vinculada a imagem de Maria Bacelar, pode ser entendida através das ações de determinados membros da associação (representantes) são imputadas aos demais ou devem ser consideradas por estes como vigentes de modo 'legítimo' e 'vinculante', como de fato ocorre.

Nesse exemplo de dominação carismática, de caráter individualista, possui um estilo de poder deve ser regulado, de algum modo, se quiser resolver um sistema mais estável dentro da comunidade. Weber indica-nos que as ações tomadas pelos representantes geram reflexos ao conjunto dos seus representados, esses residem na zona rural de Irará e moram nas seguintes comunidades: Saco do Capim, Mocó, Santo Antônio, Tapera, Caroba, Leão e Maná.

Weber argumentava que o poder carismático puro só existia genuinamente nos momentos originastes de novas formas sociais. Assim necessidade de estabilidade conduzia à “rotinização” do carisma. O problema da rotinização do carisma, segundo Weber, poderia ser resolvido de várias maneiras. As principais eram: A procura de pessoas que possuíssem sinais de carisma semelhante aos possuídos pelo líder; tal pessoa substituiria o líder quando do seu desaparecimento.

No caso de Maria Bacelar o seu substituto, possivelmente será o seu filho mais velho Vital Bacelar (atual vice-prefeito de Irará), que seguiu a carreira política da mãe. Ou seja, a religião proporciona um veículo que oportuniza a formação de uma liderança carismática, não apenas na política entendida de modo estrito, mas em cada cenário da vida social. Os seguidores dependem da atuação privilegiada da liderança carismática, tanto no contexto religioso como político.

O poder carismático é definido por Weber como “a qualidade extra-cotidiana, (...) e em virtude da qual atribuem-se a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais,

sobre humanas ou, pelo menos extra- cotidianos específicos ou então se a toma como enviada de Deus, como exemplar e, portanto, como líder.” (WEBER, 1982, p. 169). Na compreensão weberiana de substituição do antigo líder carismático e escolha novo líder deve comandado por julgamento divino, ou revelação através de oráculos.

Dessa maneira relaciona-se a escolha de Vital Bacelar para ser o substituto de sua mãe Maria Bacelar. Ele é um exemplo de um bom filho, de um homem bom, de um bom esposo e de um bom pai. Essas suas qualidades são apresentadas como características principais para a fundamentação de sua herança de poder carismático. Tal exemplo, procedimento da seleção asseguraria a legitimidade do escolhido, dentro da comunidade; Uma forma simples de confiar no próprio julgamento do líder carismático. Ou seja, a noção de carisma está, por sua vez, ligada a acontecimentos extraordinários, principalmente em sua forma mais primitiva, diferentemente dos princípios organizativos e burocráticos das modernas instituições de nossa sociedade (LINDHOLM, 1993).

Enquanto líder da política, Maria Bacelar conquistou muitos seguidores. Ela não contou com o trabalho de publicitários “marqueteiros”, mas o jornal local, A Gazeta de Ipirá, lhe faz uma descrição de sua imagem como a de um “messias restaurador”. No dia de setembro de 2005, ela recebeu uma homenagem de líderes políticos e religiosos, contando com a participação do padre da paróquia local. Nesse momento o Deputado estadual Tarcísio Pimenta, chegou a compará-la com Irmã Dulce.⁸ Nota-se que nessa citação supracitada um fetichismo institucional, o qual consegue fazer a imaginação institucional vinculada da necessidade pessoal, principalmente da necessidade que as pessoas têm umas das outras.

O jornal sempre publica textos fazem alusão ao poder de Maria Bacelar e sua inclinação para ajudar aos mais pobres. Ela se aproxima da comunidade a partir de elementos que são explicados entre as instâncias religiosas e filantrópicas, há entre estas um ponto de intersecção fundamental: a entidade mentora da casa de tradição religiosa afro-brasileira, o Caboclo Eru, que determina os caminhos espirituais e assistenciais. Entre as estratégias orientadas por ele. Esta se mostrou eficiente enquanto solucionadora das dificuldades materiais na questão da filantropia. Assim ela penetra na comunidade a partir de estratégias que lhe consagra como uma figura política de sucesso. Dos editoriais publicados, no período de 2001 a 2004, encontramos manchetes que

8 Jornal, A Gazeta de Ipirá: Outubro-2005-AnoV-Número-61

consideram a questão do poder carismático da líder religiosa e do seu sucessor Vital Bacelar⁹ Sua imagem política foi projetada através da idéia de mulher simples e modesta, caridosa, de personalidade mágica e hipnotizadora, uma incansável batalhadora pelo bem-estar do seu povo. Assim, o carisma que é individualístico, revolucionário e excêntrico, não pode permanecer por muito tempo, como a força organizacional da sociedade. Ele necessita rotinização; porem, rotinização seja pela forma tradicional ou por formas modernas introduz uma estrutura estável conservadora e coletiva. Dessa forma, nota-se que a reflexão política da trajetória de Maria Bacelar foi construída mediante o discurso era direcionada para a vida pessoal da candidata atrelada os seus feitos e benfeitorias destinados ao povo.

A Câmara de Vereadores desta cidade, sob comando carismático de Maria Bacelar, detém a especificidade. A consequência dessa política é a relação do poder público com uma diversidade de agentes e instituições que tradicionalmente atuam no campo da assistência social, sendo grande parte deles de origem religiosa. Assim, ela atua como dirigente (ou membro do quadro administrativo) a qual tem por apropriação o direito de representação.

Segundo Weber (1982), essa forma de dominação é muito antiga e encontra-se em associações de dominação patriarcais e carismáticas (carismático-hereditário, carismáticas de cargo) de caráter muito diverso. Nesse exemplo, as idéias de dominação e de representação são análogas, uma vez que o dominante é sempre um representante legitimado pelo dominado.

5- Considerações Finais

Por fim, considero que as características psicossociais de Maria Bacelar, apontadas no decorrer do texto, demonstram claramente a sua transformação em líder: uma líder carismática. A dominação carismática em questão pode ser interpretada de

⁹ A Festa do Erú mais uma vez marcou o 2 de julho em Irapá: A Gazeta de Irapá; julho-2005-ano V- N° 58; Dona Maria Bacelar é Reeleita Presidente da Câmara por 8X0; A Gazeta de Irapá; janeiro-2004-ano IV- N° 52. Irapá Sob Nova Direção: Juscelino e Vital Tomam Posse; A Gazeta de Irapá; janeiro-2005-ano V- N° 52. Dona Maria Bacelar é Homenageada na Festa de São Cosme e São Damião; A Gazeta de Irapá; outubro-2005-ano V- N° 61; Presidente da Câmara Compra Veículo Zero km para Servir a Casa da Cidadania: A Gazeta de Irapá; outubro-2005-ano V- N° 47; D. Maria Bacelar transformou a sessão de 9/5 em Sessão Especial em Homenagem ao dia das Mães: A Gazeta de Irapá; junho-2005-ano V- N° 57; Juscelino e Vital São Eleitos com 3.233 votos de Frente: A Gazeta de Irapá; outubro-2004-ano V- N° 49; Entrevista com O Vice-Prefeito Vital Bacelar: A Gazeta de Irapá; abril-2004-ano V- N° 43; Câmara Realiza Sessão Especial para Discutir A seca Em Irapá: A Gazeta de Irapá; maio-2003-ano IV- N° 32; Marito - Vital e D. Maria Bacelar Tomam Posse; A Gazeta de Irapá; janeiro-2001-ano V- N° 4; Caruru de São Cosme de D. Maria Bacelar Mantém a Tradição e é Destaque em Irapá e Região; A Gazeta de Irapá; outubro-2001-ano II- N° 13.

acordo com Weber como uma liderança carismática, a qual surgiu “em virtude da devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, mas especificamente as faculdades mágicas, revelações e curas. Tais características a conduziu para vida política, para ação de administrar, no sentido mais categórico do conceito, que significa exercer um poder delegado. Do ponto de vista religioso o poder é adquirido através da escolha dos deuses. Quando esses elementos se unem, as relações entre política e religião tornam-se imbricadas. O poder do político torna-se inquestionável, assim como o poder do religioso.

Com isso quero chamar a atenção para o fato de que o exercício dessa dominação carismática se estabelece enquanto estratégia de controle em nome do sagrado - dos deuses e dos orixás. Quem tem o comando religioso, dispõem também de meios de administração, isto é, que dispõem de poder econômico ou político, em nome próprio, ou dos deuses, dos santos e dos orixás. Tal processo ocorre quando os próprios líderes religiosos detêm o poder econômico e político, o que parece ser seu plano, mas que ainda não corresponde totalmente aos contextos sociais dos países ditos capitalistas. Para Weber, quando se exerce poder sobre alguém, sobre algum grupo, ou sobre uma coletividade, isso representa o exercício de um poder delegado. A legitimidade do poder pode nascer da autoridade inquestionável do sagrado.

Nesse ponto de vista, entende-se sobre poder os recursos que permite direcionar o comportamento do outro ou dos outros em determinada direção almejada por quem a detém. Há muitas formas de se exercer poder. Pode-se impor, pode-se coagir, pode-se corromper, pode-se persuadir, pode-se seduzir, pode-se manipular. Em muitas situações todas essas possibilidades podem entrar no jogo do poder, principalmente quando se trata da questão religiosa.

No contexto da trajetória de vida de Maria Bacelar, as várias modalidades de exercício do poder legitimado pela força da religiosidade afro-brasileira. Esse permeia as relações sociais que ele mantém na comunidade onde atua. Dessa maneira, atua como diretora da escola que está instalada em sua fazenda, como líder religiosa, como chefe de família, como vereadora, enfim como líder da política local.

Há, entretanto, o caso do poder exercido por um conjunto de administradores profissionais que se estruturam hierarquicamente e que, em nome da racionalidade e do conhecimento, planejam, organizam, coordenam, comandam e controlam, por uma relação de mando e subordinação, uma determinada coletividade.

Maria Bacelar exerce esse poder no comando da Câmara de Vereadores de Irapueta. A isto, inspirado em Max Weber, chamo dominação.

A primeira indagação que me ocorre refere-se à questão da racionalidade. Quer me parecer que a racionalidade a que geralmente se refere quando se fala de administração é apenas um tipo de racionalidade, a saber, a racionalidade instrumental, aquela vinculada à adequação mais eficiente entre meios e fins. Isso significa que geralmente se deixa de lado a racionalidade com relação a valores, isto é, o modo de pensar que orientam ações ligadas ao que se percebe como desejável, adequado e inadequado, justo e injusto, e assim por diante.

Ocorre também que a própria ação afetiva entre seres humanos não se baseia numa irracionalidade, mas num determinado modo de pensar. Entretanto, não é dessas últimas formas que vivem a administração pública. Outro ponto refere-se ao conhecimento como base para o exercício do poder. É importante ressaltar que há questões de comandos que exigem conhecimento especializado, enquanto outras exigem apenas conhecimento comum.

O problema, entretanto, está em saber se o conhecimento especializado poder a sua legitimidade diante do poder da religião, que suficiente para a dominação. Pois o sobrenatural é inquestionável e temível. A questão só se toma relevante na medida em que se vive num mundo cada vez mais administrado, isto é, num mundo onde predominam as grandes organizações como o Estado, as grandes empresas, etc. A dominação mediante a ação tradicional retira do dominado a faculdade de pensar e decidir sobre o que faz, pelo menos em determinadas esferas da vida, como o comando da administração pública.

A presidência de Maria Bacelar, na Câmara de Vereadores de Irapueta é movida por um controle social. Ela comanda administração do tempo que os vereadores falam, badala um sino decretando silêncio, assim como chocalha o maracá, quando incorpora o caboclo Erú nas sessões de sua casa religiosa. Além dessa prática, desenvolve sanções disciplinares para vereadores e populares mais exaltados. Essa regulação é feita em prol das boas relações sociais na casa da cidadania irapuetaense, enfim em benefício da produtividade.

Diante da observação etnográfica, percebe-se que, mesmo superficialmente, algumas experiências das relações de poder analisadas, se revelam que aspectos que Weber considera como dominação, entende-se como poder a oportunidade existente

dentro de uma relação social que permite impor vontades próprias, mesmo contra a resistência e a oportunidade que se fundamenta. É perfeitamente possível que a coletividade influa sobre as relações de poder analisadas.

REFERÊNCIAS

Documentais

A Gazeta de Ipiranga; julho-2005-ano V- Nº 58;
A Gazeta de Ipiranga; janeiro-2004-ano IV- Nº 52.
A Gazeta de Ipiranga; janeiro-2005-ano V- Nº 52.
A Gazeta de Ipiranga; outubro-2005-ano V- Nº 61;
A Gazeta de Ipiranga; outubro-2005-ano V- Nº 47;
A Gazeta de Ipiranga; junho-2005-ano V- Nº 57;
A Gazeta de Ipiranga; outubro-2004-ano V- Nº 49;
A Gazeta de Ipiranga; abril-2004-ano V- Nº 43;
A Gazeta de Ipiranga; maio-2003-ano IV- Nº 32;
A Gazeta de Ipiranga; janeiro-2001-ano V- Nº 4;
A Gazeta de Ipiranga; outubro-2001-ano II- Nº 13.
Ação Sumária de condenação, Purificação, 1890.
Correspondência da Câmara de Feira de Santana para a Presidência da Província, Maço n/0 04-11/01/1834-APEA.
Prefeitura Municipal de Ipiranga, Lei número 357- de dezembro de 1993.
PROJETO DA HISTORIA ORAL DE IPIRANGA,1985.
Relatório final do Censo de 2000, Prefeitura Municipal de Ipiranga, ver anexo.

Bibliográficas

AUGRAS, Monique. Quizilas e preceitos: transgressão, reparação e organização dinâmica do mundo. In MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Candomblé desvendando identidades**. São Paulo, EMW, 1987.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism**. Perspective and Method. Chicago: University of Chicago Press, 1937.

BRAGA, Júlio. **Fuxico de candomblé: estudos afro-brasileiros**. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

CLIFFORD, James. **Sobre autoridade etnográfica**. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX, Org.José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed da UFRJ. 1998.

LACLAU, E.. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel, 1996.

LEWIS, I.M., **Êxtase Religioso. Um estudo antropológico da Possessão por Espírito e do Xamanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

LINDHOLM, C. **Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PARK, R. E. & E.W. Burgess. **Introduction to the Sciences of Sociology**, Chicago:University of Chicago Press, 1921.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira**, São Paulo: Pallas, 2001.

THOMAS, W. I. & Znaniecki (1927) 1918-1920: **The Polish Peasant in Europe and America**. Chicago, Chicago University Press (New York, Knopf,)

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UnB, 1991.

_____. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1982.

Recebido em: 24/04/2011

Aprovado em 20/09/2011